

## **MOVIMENTO FOTOGRAFAÇO: Relações entre arte, paisagem e sociedade em Araguari (MG)**

**Lucas Martins de Oliveira**

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo  
lucasmartins@usp.br

### **Resumo**

O artigo coloca-se como um exercício de análise sobre o Movimento Fotografaço, ação artística coletiva realizada no ano de 2011 na cidade de Araguari (MG). O Movimento levantou o debate público sobre a ingerência da administração municipal acerca da manutenção e promoção de espaços livres urbanos qualificados, valorização do patrimônio cultural e preservação dos recursos naturais, colocando-se como importante manifestação local de caráter político-social a ser analisada sob o olhar da Paisagem, especificamente nas relações existentes entre arte, paisagem e sociedade. Considera-se que o Fotografaço representou um aperfeiçoamento democrático por parte daqueles que se manifestaram ao reivindicarem uma administração pública ética e uma paisagem urbana qualificada.

**Palavras-Chave:** Espaços livres. Fotografia. Arte. Paisagem.

## **FOTOGRAFAÇO MOVEMENT: Relations between art, landscape and society in Araguari (MG), Brazil**

### **Abstract**

The paper aims an analysis of the movement Fotografaço, artistic action group performed in 2011 in the city of Araguari (MG), Brazil. The movement raised public discussion about maladministration in local government on the maintenance and promotion of qualified urban spaces, appreciation of cultural heritage and preservation of natural resources, placing itself as an important local manifestation of a political and social to be analyzed by the Landscape, specifically the relationship between art, landscape and society. It is considered that the Fotografaço represented a democratic improvement by part of those who manifested themselves in claiming a ethic public administration and a qualified urban landscape.

**Keywords:** Open spaces. Photography. Art. Landscape.

### **Introdução**

O artigo que se apresenta busca entender o Movimento Fotografaço sobre seus aspectos que envolvem a experiência sobre o espaço urbano, a relevância e o papel ativo da paisagem enquanto dimensão pública e política perante a sociedade urbana de Araguari – MG. (Figura 1). Tal temática constituiu parte da base teórica e conceitual das discussões promovidas

Recebido em 29/12/2013 / Aprovado para publicação em 25/08/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.20, p. 98-109, nov/2016.

durante a disciplina de pós-graduação “A Paisagem no Desenho do Cotidiano Urbano”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo no primeiro semestre de 2013. Intenciona-se, ademais, aproximar a análise sobre o Movimento ao olhar da Área de Concentração Paisagem e Ambiente, da linha de pesquisa Paisagem e Sociedade e da pesquisa de Mestrado “O processo de configuração do sistema de espaços livres na forma urbana de Araguari (MG)”. Para isso, apresenta-se o conflito político envolvido na origem do Movimento, seus desdobramentos e reflexões sobre as relações identificadas entre tais aspectos.

Figura 1: Localização do município de Araguari (MG).



Fonte: IBGE, 2013.

### **O Movimento Fotografaço – Origem, Características e Repercussões**

O Movimento Fotografaço foi organizado como reação de um grupo da sociedade civil à tentativa de uma sanção pública, por meio de uma moção de repúdio que seria promovida pela Câmara Municipal de Araguari, ao fotógrafo Gláucio Chaves. Este, anunciou a ingerência da administração municipal frente ao espaço público local, ao publicar fotografias no *site* Panoramio, de lixo depositado em áreas irregulares na periferia da cidade e em áreas de preservação permanente, bem como patrimônios históricos de propriedade pública abandonados e em degradação.

A motivação da moção de repúdio, segundo notícia publicada no periódico local Diário de Araguari, surgiu após uma visita de um grupo de vereadores ao Ministério da Educação, em Brasília (DF). Ao analisarem a cidade via imagem de satélite (*Google Maps*) com o intuito de avaliar áreas públicas para a construção de creches com recursos federais, encontraram

fotos com legendas pejorativas, segundo os parlamentares. (Figura 2). Para os vereadores, Araguari pode ter sofrido perda de oportunidades de negócios, o que justificaria a moção de repúdio contra o fotógrafo.

Figura 2: Fotografias e legendas que indignaram os senhores vereadores.



Fotos: CHAVES, G. H.

A seção do jornal afirma:

Saia Justa: Uma comitiva de vereadores que foi a Brasília voltou chateada com um fato que presenciaram. Durante visita, na quarta-feira, eles foram ao MEC – Ministério da Educação -, que tem um dispositivo que permite localizar, via satélite, áreas ideais para a construção de creches com recursos federais. Durante as buscas, foram mostradas várias fotos postadas pelo fotógrafo araguarino que assina seus trabalhos como Glaucio Henrique Chaves e que estariam prejudicando em muito a imagem de Araguari por todo país.

Saia Justa II: O fotógrafo seria responsável pela maioria das fotos do município postadas no programa de satélite do Google, de grande acesso mundial. O fotógrafo teria registrado imagens de 2005 e, no satélite, podem ser acessadas através de janelas, cujas fotografias ele legendou com extrema crítica, não escapando sequer uma carroça de entulho flagrada em lotes abandonados. Constrangido com os

vereadores, o operador do sistema sugeriu que alguma medida fosse tomada para retirar as legendas pejorativas em relação à cidade de Araguari.

Estrago: Para os vereadores, grandes empresários de toda parte do país usam essa ferramenta para identificar áreas em cidades onde existe o interesse de investir e, neste caso, Araguari, certamente, pode ter sofrido perda de oportunidades de negócios, por causa da atitude do fotógrafo. Certamente, o fato é desagradável, mas não se pode ignorar que a cidade precisa mesmo de cuidar melhor de sua imagem. O diálogo com o fotógrafo deve ser aberto, de imediato.

Repúdio: Consta ainda que na próxima terça-feira, quando acontecerá nova sessão da Câmara, os vereadores já preparam uma "Moção de Repúdio" contra o fotógrafo, pois consideram que ele pode não ter noção do que representam os seus atos. Que tal convidar o rapaz para ser ouvido na casa de leis? O diálogo pode resolver.

Seção Curtas. Diário de Araguari, 05 de agosto de 2011.

O fotógrafo Gláucio Chaves publicou em seu *blog* uma resposta a Seção do Jornal.

Destaca-se:

Todo jornal deveria tratar a liberdade como algo sagrado. Deveria repudiar, sem demoras, qualquer tipo de censura. Basta pensar que nenhuma censura é saudável, nem inteligente. Censura e interesse público são opostos. Em Araguari, pelo visto, segundo o jornal Diário de Araguari, as minhas fotografias incomodam muito. Deixaram os nobilíssimos vereadores em “saia justa”. Mas o que os vereadores talvez se esquecem, é que as minhas fotografias somente retratam a realidade. Boa ou ruim. Elas são um espelho, que pode ser bonito ou feio, conforme o caso. Quem tem medo da realidade? A quem interessaria esconder as vergonhas da antiga Brejo Alegre? Se a realidade é motivo de vergonha, a melhor atitude a tomar é trabalhar. Se há lixo sendo jogado irregularmente todos os dias por toda parte (incluindo por órgãos da própria prefeitura que eu já fotografei), então sugiro que TRABALHEM. Mas quando falo trabalhar, não me refiro a repudiar o que lhes dá náuseas. Me refiro à tomar todas as medidas para que esse lixo seja depositado nos lugares corretos para isso.

CHAVES, Glaucio. Sobre o repúdio à mordaca..., 2011.

Perplexos com a atitude planejada pela Câmara Municipal, que, consultada sobre a nota do Jornal, calou-se, não desmentindo nem confirmando a intenção de elaboração da moção de repúdio, um grupo da sociedade civil organizou-se via rede social virtual para a realização de uma manifestação pública intitulada “Fotografaço”. O grupo denominou-se “A culpa é do fotógrafo?” e objetivou fotografar a cidade, tanto a região central quanto a periferia, com total

liberdade para cada participante fotografar o que lhe chamasse atenção, e publicá-las no *site* Panoramio.

Como resultado, o grupo não só multiplicou as fotografias denunciativas, além de contemplativas, repetindo o método utilizado pelo fotógrafo, mas também organizou exposições físicas a fim de divulgá-las à sociedade por outros meios. (Figura 3). No ano de 2011 foram realizadas duas manifestações, com a participação de cerca de 45 pessoas e realizadas exposições em espaços públicos e equipamentos institucionais como: Praças Gaioso Neves e José Jehovah dos Santos, Ministério Público Estadual, Câmara dos Dirigentes Lojistas e Conservatório Estadual de Música. De certa maneira, tais exposições físicas podem ser entendidas como uma museificação e institucionalização dos Fotografaços. Entretanto, apresentá-las em ambientes institucionais permitiu divulgar a discussão, ao levar os problemas periféricos para o centro da cidade. Ainda hoje, eventualmente, são realizadas exposições e palestras em escolas e eventos comunitários.

As exposições ampliaram a visibilidade do Movimento nos meios de comunicação e levou a superfície a discussão sobre os problemas enunciados nas fotografias, que foram utilizados como conteúdo para notícias em jornais e comentadas por colunistas locais, tanto em apoio ao fotógrafo como também tentando esvaziar a crítica ao Poder Legislativo. A repercussão positiva prevaleceu.

No aniversário de Araguari, o grupo de amigos "A CULPA É DO FOTÓGRAFO" realizou em praça pública (Praça Dr. José Jehovah dos Santos, defronte à Casa da Cultura) a exposição fotográfica homônima, resultado do FOTOGRAFAÇO do dia 15.08.2011. Dezenas de fotos enfeitaram os varais montados na praça, onde as pessoas que visitaram foram informadas da motivação das fotos e da amostra.

Elogios gerais dos visitantes à atitude do grupo, movido exclusivamente pelo amor a Araguari e pelo desejo de que a preservação ambiental e urbanística seja prioridade do poder público, em qualquer tempo, com qualquer governo.

MOTA, Edilvo. O sucesso da exposição fotográfica "A CULPA É DO FOTÓGRAFO", 2011.

O grupo não apresentou um manifesto, não intencionavam congregar massas, não protestaram contra a gestão vigente (Marcos Coelho – 2008-2012), nem tinha caráter partidário, apesar do inevitável assédio de lideranças partidárias. Foram caminhadas pacíficas e silenciosas, onde todos estavam ligados a vínculos de amizade e compartilhavam de um repúdio ao Poder Legislativo Municipal naquele momento. Assim, o Movimento não possuía uma reflexão abstrata, nem carga utópica, mas, uma reflexão crítica e artística a partir de uma fato político cotidiano local, voltada exclusivamente para o contexto local.

Mergulhando na localidade é que se chega aos grandes temas da atualidade – já que a localidade em suas múltiplas determinações é, em si, o atual. [...] Quando estranhamos o nosso lugar, ele se evidencia e se torna novamente vivo, rico em questões. Assim, ele vai se tornando novamente nosso.

MICO, 2011 apud SATZ, 2012, p. 243.

Se comparadas as manifestações de grande porte ocorridas em junho de 2013 pelo Brasil, percebem-se como semelhanças a organização via redes sociais e o sentimento de mal-estar frente ao fazer político. Entretanto, a própria manifestação ocorrida em Araguari dia 20 de junho de 2013, inserida na onda de protestos vivenciados naquele mês pelo país, levou as ruas da cidade cerca de 5 mil pessoas, um número incomparavelmente maior aos Fotografaços.

Figura 3: Realização dos Fotografaços e montagens das exposições.



Fotos: CHAVES, G. H.

### O Olhar Sobre a Paisagem e a Sociedade

A observação artística e denunciativa solitária do fotógrafo Gláucio Chaves teve forças para desencadear uma agitação social, ainda que modesta, em Araguari. Tal agitação promoveu uma nova compreensão da realidade do lugar, colocando-o como único, ao mesmo

tempo, inserido no debate das questões político-sociais brasileiras contemporâneas. Como coloca SANTOS (2009 [1996], 314): “Cada lugar é, a sua maneira, o mundo.”

Utilizando das reflexões do mesmo autor, pode-se ainda abordar o papel da vizinhança e da proximidade na compreensão das transformações na consciência do viver em sociedade, movidas, principalmente, pela solidariedade e pelo afeto ao lugar. Deve-se entender, também, o novo papel dos meios de comunicação na vida cotidiana desta nova realidade, que possibilitam o desenvolvimento de uma nova relação entre o espaço público e os movimentos sociais.

Pode-se entender o Movimento Fotografaço como uma ação política e artística, na qual a publicação das fotografias no *site* Panoramio e nas exposições físicas foram as materializações desta ação, bem como demonstram a importância de se registrar a paisagem objetivando proliferar a crítica social. FERRARA (2012, p. 46) coloca que “a paisagem é a manifestação da atualidade de um cotidiano que, enquanto tempo vivido, utiliza os dispositivos técnicos de registro para se tornar memorável.”

Como resultado dos Fotografaços percebe-se não só imagens denunciativas, mas também manifestações da cultura urbana cotidiana, de fruições sobre a relação espaço livre de edificações e arquitetura, até mesmo imagens estereótipos da paisagem urbana turística, ampliada e divulgada pelo poder municipal e pela mídia local como a identidade da cidade. Como exemplo, fotografias do atual “Palácio dos Ferroviários”, antiga estação de passageiros da Estrada de Ferro Goiás, edificação restaurada e adaptada como sede do poder executivo.

Tal variedade de enquadramentos de olhares sobre a paisagem urbana corresponde as diferentes percepções afetivas originárias da singularidade de cada indivíduo. Por isso, cada fotografia é única e pode enunciar uma questão social ou uma qualidade estética de um lugar, identificada subjetivamente e exclusivamente naquele momento. (Figuras 4, 5 e 6).

O Movimento Fotografaço mostrou não ser necessário ser artista para se comunicar artisticamente, talvez mesmo que seus participantes não tenham consciência disso, bem como colocou a cidade participando coletivamente da arte, da arquitetura e urbanismo, do paisagismo, da geografia, através da fotografia sobre a paisagem.

Figura 4: Fotografias da antiga estação de passageiros da EFG – atual Palácio dos Ferrovários.



Fotos: Grupo “A Culpa é do Fotógrafo?”

Figura 5: Fotografias denunciativas – problemática social presente no Bairro Vieno - Araguari.



Fotos: Grupo “A Culpa é do Fotógrafo?”



Figura 6: Variedade das temáticas das fotografias: Carência de espaços livres qualificados, fragilidade ambiental sobre APP, valorização e degradação do patrimônio histórico.



Fotos: Grupo “A Culpa é do Fotógrafo?”

As denúncias sobre as ingerências do Poder Municipal sobre a manutenção e qualificação do espaço urbano, inicialmente promovidas pelo fotógrafo e posteriormente pelo Movimento Fotografaço, mostraram um aperfeiçoamento democrático sobre o viver urbano por parte daqueles que se manifestaram que, com seus atos, contribuiram para combater o analfabetismo urbanístico de parte da sociedade. Tal observação relaciona-se diretamente com a ânsia por uma paisagem qualificada, originada da conscientização sobre o direito à paisagem, ainda que não explicitamente colocada pelos participantes.

O direito à paisagem não pode ser encarado como algo a se conquistar somente depois que se satisfizerem direitos mais elementares, como os relacionados à moradia, educação e saúde. A qualificação da paisagem integra a melhoria do habitat e do ambiente, bem como potencializa o maior uso dos espaços públicos, relacionando-se, portanto, às questões da habitação, educação, saúde, ambiente, enfim, à qualidade de vida. A desqualificação das paisagens deveria indignar os cidadãos, incitando-os contra tais atitudes seja de pessoas, seja de empresas e instituições.

QUEIROGA, 2012, p. 213.

Percebe-se que esta indignação, este desencanto sobre a política moveu os participantes à criação do Movimento, que reivindicou, por fim, uma administração pública ética, uma cidade democrática e espacialmente melhor qualificada para o viver em sociedade.

## Considerações Finais

A análise do Movimento Fotografaço contribuiu para um melhor entendimento sobre a dimensão político-social da paisagem perante a sociedade urbana araguarina. A paisagem não deve ser vista somente como suporte ou cenário para as ações sociais, mas sim como um processo dinâmico e coletivo da ação da sociedade sobre o espaço.

O trabalho tentou entender como o desequilíbrio da paisagem pôde gerar conflitos, desconforto, incitar a insatisfação pública a ponto de pessoas se mobilizarem contra a gestão pública. Ao final, a questão que se coloca é: como a sociedade civil pode contribuir para a inserção da qualificação da paisagem na agenda política de Araguari, bom como das cidades brasileiras? Não se pretende neste trabalho elaborar uma resposta, mas entende-se que educação, comunicação e atitude são os pontos de partida.

## Referências

**A CULPA É DO FOTÓGRAFO?** [blog]. Disponível em: [aculpaedofotografo.wordpress.com](http://aculpaedofotografo.wordpress.com) Acesso em: 10 de julho de 2013.

CHAVES, Gláucio Henrique. [entrevista concedida ao autor]. 06 de julho de 2013.

\_\_\_\_\_. **Sobre o repúdio à mordaca**. 9 ago. 2011. Disponível em: [efgoyaz.blogspot.com.br/2011/08/sobre-o-repudio-mordaca.html](http://efgoyaz.blogspot.com.br/2011/08/sobre-o-repudio-mordaca.html) Acesso em: 10 de julho de 2013.

DIÁRIO DE ARAGUARI. Curtas. Araguari. 5 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. **Curtas**. Araguari. 24 nov, 2011.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **As mediações da paisagem**. Líbero. 2012, v.15, n.29: 43-50.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, São Paulo, 2012.

MOTA, Edilvo. **O sucesso da exposição fotográfica "A CULPA É DO FOTÓGRAFO"**. 28 ago. 2011. Disponível em: <http://saudenatela.blogspot.com.br/2011/08/o-sucesso-da-exposicao-fotografica.html>

PALLAMIN, Vera. **Cidade e cultura: conflito urbano e a ética do reconhecimento**. RUA [online]. 2012, no. 18, v. 2

SAFATLE, Vladimir. **Amar uma ideia**. In: HARVEY, David; Et al. *Ocuppy*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SATZ, Joana. **O espaço como obra: ações, coletivos artísticos e cidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). FAUUSP, São Paulo, 2012.

## **Anexo**

Entrevista à Glaucio Henrique Chaves:

1. Agora em 2013, cerca de 2 anos após os Fotografaços, como você os vê? Qual é a sua análise sobre a dimensão político-cultural do movimento social naquele momento?

Resposta: Acho que essas ações são um misto de estratégia e calor das emoções, tanto para os que protestam quanto para os que são reclamados. O Fotografaço foi um protesto silencioso e pacífico que só teve uma boa repercussão graças à mobilização via redes sociais virtuais, chamando para ações no mundo real. Mas, no quadro atual, também é possível comprovar que, numa cidade como Araguari, onde há grupos políticos que se alternam no poder, era previsível que o grupo político, então em oposição velada ao governo municipal da época, usou o Fotografaço para obter influência política e hoje compõe a situação.

2. Quais foram as respostas dos poderes municipais frente as denúncias de ingerências colocadas nas fotografias? Teve alguma resposta do Legislativo frente a nota de repúdio?

Resposta: Até hoje não recebi nenhuma mensagem ou telefonema solicitando ou dando explicações sobre o ocorrido. Essa parte para mim demonstra a falta de qualidade e de tato das pessoas que compunham o Legislativo municipal, ao menos naquela época. Talvez uma simples conversa teria evitado um desgaste ao Legislativo. Um jornal noticiou que o Legislativo pretendia fazer uma moção de repúdio contra mim. O Legislativo jamais negou ou confirmou sua intenção, especialmente após o incidente ter ganhado a dimensão que teve. Mas é possível imaginar que se fosse hoje, provavelmente os desdobramentos seriam semelhantes.

3. As fotografias foram inseridas no Google Earth via Panorâmio. Quais repercussões você poderia descrever que demonstrem o poder de comunicação virtual nos dias atuais, em contraponto ao fazer político patrimonialista do Poder Legislativo e à imprensa parcial em favor do Governo?

Resposta: As fotos do Panorâmio/Google Earth foram as que causaram o suposto desconforto aos vereadores de Araguari. E, depois disso, apesar do Fotografaço ter usado o site Panorâmio para divulgar as fotografias e, apesar de que houve uma imensa repercussão do assunto nas redes sociais, a repercussão mais fina e direta se deu com as exposições das fotos físicas, reveladas em papel, que percorreram praças e prédios públicos da cidade. Foi possível notar o constrangimento dos entes públicos frente à mobilização popular por uma ação. Cada vez mais os cidadãos participarão das ações dos poderes públicos e usarão as redes sociais

para se informarem e se organizarem frente à tais ações. Este fato já está mudando o perfil típico dos políticos e da imprensa.

4. Como você analisa a fotografia como instrumento de leitura e registro da paisagem, e, principalmente, como arte de protesto frente ao usual descaso da Administração Municipal sobre o espaço urbano?

Resposta: Eu acho que, apesar dos eventos recentes de protestos em massa, a internet é uma ferramenta ainda muito sub-utilizada. Os sites são divididos entre públicos muito específicos. Por exemplo, os sites de fotografias alcançam quase sempre, apenas quem procura por fotografias e isso, no meu conceito, é antítese de paisagem. Uma das coisas mais bonitas do mundo real é poder encontrar aquilo que nem se procura. Apesar dos encontros não previstos também acontecerem bastante no mundo virtual, ainda assim ocorrem com um direcionamento mais visível do que fora dele.

Por outro lado, vejo que as fotografias nas redes sociais têm grande capacidade de informação e são elementos de detonação de outras ações, ainda que indiretas e invisíveis. As fotografias possuem também um poder didático bem incisivo: por exemplo, com elas é possível ver, de forma contundente, um conjunto arquitetônico coeso que, em poucos anos se esfacelou. Isso causa mudanças no olhar das pessoas. Quanto à Administração Municipal (e as mídias locais) é possível notar que, lentamente, estão voltando seus olhos e ouvidos às redes sociais à medida que mais e mais pessoas vão participando das redes. A qualidade das informações da mídia local já é diferente por estar perdendo a cada dia mais, a supremacia do alcance uníssono. Já possui linguagem um pouco mais cuidadosa e averigua melhor as informações que emite, porque em caso de inconsistência, será imediatamente contestada, o que a colocará em situação delicada frente a um público muito grande.

Eu acredito que isso já reflete e vai refletir cada vez mais no espaço urbano, à medida que mais pessoas passam a cobrar e agir frente às ações do poder público e da mídia.